



Padre Domenico Mondrone s.j.

Mãe, por que nos matou?

Carta de uma mãe que, depois de ter tomado consciência, de maneira misteriosa, da gravidade de seus sete abortos, quer, às portas da morte, deixar um aviso para todas as mães.

Himmel
ASSOCIAZIONE

*Per padre Domenico Mondrone
Da pubblicare dieci anni dopo la mia morte*

Padre Domenico Mondrone s.j.

MÃE, POR QUE NOS MATOU?

Carta de uma mãe que, depois de ter tomado consciência, de maneira misteriosa, da gravidade de seus sete abortos, quer, às portas da morte, deixar um aviso para todas as mães.



NIHIL OBSTAT

Catanae 16 Januarii 1956

Can. Dominicus Squillaci, Cens. Eccl.

IMPRIMATUR

Catanae 17 Januarii 1956

Can. Nicolaus Ciancio, Vic. Gen.

Projeto editorial e notas de *Flaviano Patrizi*

Posfácio de *Dom Enzo Boninsegna e Flaviano Parizi*

Tradução de *Mario Calabrò*

Revisão da tradução do *Prof. Leonardo Torre Teixeira Leite*

Himmel
ASSOCIAZIONE



PREFÁCIO

Ao término de exatos dez anos, prazo fixado pela pessoa que me confiou sua última vontade, estou prestes a cumprir o meu mandato com a mesma apreensão com a qual concordei em uma noite fria de Dezembro de 1945.

Por razões muito óbvias^[1], que não provêm apenas de uma compreensível delicadeza, sou forçado a ficar calado sobre todos os locais exatos e todas as dicas que possam fazer com que as pessoas encontradas nos fatos a que se referem aqui sejam identificadas.

PRÓLOGO

Eu havia retornado de uma curta caminhada, feita antes do horário habitual, quando fui chamado ao telefone por uma pessoa que não queria dizer seu nome.

Em vez do nome, o chamador aludiu a um encontro que teve comigo alguns anos antes e assim pode, facilmente, fazer-se reconhecer.

«Minha mãe está em um estado muito grave. Teve quem lhe falou do senhor. Ela disse que gostaria muito de uma sua visita.»

Depois de vinte minutos, eu estava ao lado da cama da enferma. A impressão que ela me deu foi muito ruim. Seu rosto estava gasto e muito pálido. Dois olhos grandes, ainda fascinantes, mas cheios de sofrimento. Na cabeça, um gorro de lã branca. Os movimentos eram medidos e cansados. Ela me cumprimentou com uma voz fraca, mas nela havia uma grande demonstração de gratidão. Depois disso, os membros da família se retiraram e eu fiquei sozinho com ela.

«Padre, você me reconheceu?»

«Certamente, por que o perguntas?»

«Devo ter mudado muito.»

«Não tanto, como você pensa, a ponto de estar irreconhecível. Então, me diga em que eu posso lhe ser útil. Aqui estou à sua disposição.»

«Pode me dar o tempo de que preciso?»

«Não tenho outra preocupação senão servi-la em tudo que posso.»

«Sei que você é um religioso, vive de horário.»

«Mas, em alguns casos, o tempo é a última preocupação.»

«Obrigado padre. Como você pode ver, eu vou para o fim. Gostaria de me confessar.»

«Estou aqui para ouvi-la. Só peço que não se canse. Se você permitir, farei o meu melhor para ajudá-la.»

Assim dizendo, me aproximei, recitei a breve oração ritual, tracei um sinal da cruz sobre ela e me preparei para ouvi-la. Mas logo me impressionei pela clareza, a ordem, a precisão com que falava aquela mulher que lutava entre a vida e a morte. Uma preparação que eu não poderia desejar melhor.

«Padre, pode ser interrompido por alguns momentos?»

«Certamente. Não se canse. Você precisa de alguma coisa?»

Ela assentiu, tocou uma pequena sineta, que estava ali à mão. Uma freira apareceu imediatamente com uma bacia e tudo o necessário para uma injeção.

Poucos minutos de espera na sala ao lado e eu voltei. Mais alguns minutos e minha tarefa parecia terminada. Mas a enfermeira disse: «Agora, o que mais devo fazer?»

«Estou feliz que seja você a perguntar. Aconselho a preparar-se para receber o viático e o óleo

sagrado amanhã de manhã. Mas se, por isso, ela preferisse o pároco, eu poderia passar dele.»

«Não, eu prefiro fazer tudo com ela. Por que esperar amanhã de manhã? Não poderia ser hoje à noite?»

«Claro que pode.»

Entendido isso, tocou novamente a sineta e, desta vez, juntamente com a freira, veio uma jovem com uma garotinha nos braços, o marido e um menino de cinco ou seis anos.

«Irmã, eu disse ao padre para fazer tudo esta noite. O que você diz? Vocês o que acham?»

Os membros da família se entreolharam com emoção e não sabiam o que dizer.

«Acho que é uma inspiração de Deus, disse a freira. Vá em frente como você diz, senhora. Além disso, irá ajuda-la a passar a noite mais tranquila.»

«Então padre, eu estou em suas mãos.»

Em alguns saltos, eu estava na igreja próxima, onde o pároco já estava prestes a fechar. Uma paixonite, uma estola dupla, uma bolsa com óleo sagrado, um ritual, uma asperges, a pequena urna com o Santíssimo Sacramento e reenfiado o sobretudo, depois de alguns minutos eu estava de volta.

A freira, entretanto, já havia convertido a cômoda em frente à cama em um pequeno altar tudo lindo e dedicado: havia também flores que me pareciam um milagre de requinte. A paciente, antes de receber os últimos sacramentos, mostrou o desejo de querer falar comigo novamente sozinha. Eu pensei que ela queria acrescentar alguns breves apêndices à confissão. Em vez disso, quando os outros saíram, ela extraiu de uma bolsa de celuloide um envelope, bastante inchado e tenaz, e com gesto de entregá-lo, ela disse:

«É o último favor que lhe peço, padre. Você promete fazer o que agora lhe digo? »

«O que é isso?»

«Aqui está minha última vontade.»

«Não estamos acostumados a ser executores testamentários.»

«Não é sobre isso, ela disse com um leve sorriso. Aqui está a história da minha pobre vida, desde que fui casada até hoje.»

«Eu gostaria que você a publicasse, mas daqui a dez anos. Faça somente, por como será possível, que ninguém possa entender de quem se está falando.»

«Foi ela que escreveu?»

«Certamente»

«Poderão conhecer seu estilo.»

«Certifique-se de que mesmo isso não seja reconhecível.»

«E como?»

«Ela o reescreva. Talvez eu peço demais. Mas será uma obra de bem. Promete-me? Eu confio muito nela.» No entanto, o meu rosto teve uma estranha hesitação.

«Garanto-lhe que não há nada de comprometedor. Há anos que estou pensando em fazer isso, e quanto mais eu pensava, mais me sentia serena.»

«Não me diga de não. A partir desta noite, se você quiser, poderá lê-la. Repito: nada comprometedor para ninguém. São coisas vistas à luz de Deus, depois de ter passado por experiências e expiações que não desejo a nenhuma mãe. Estas coisas encurtaram minha vida. Eu não quereria que a tantas mães acontecesse o mesmo.»

«Quando é assim, eu vou fazer o meu melhor.»

«Obrigada.»

Um toque na campainha chama todos para dentro, menos os dois filhos que sua mãe colocou na cama. Os dois últimos sacramentos são administrados em uma atmosfera perfeita de

serenidade e paz, e devo me fazer contínua violência para não trair a regurgitação da emoção que tenho por dentro. Eram quase vinte horas. Um olhar instintivo para o relógio fez entender ao paciente o meu desejo de ir embora.

«Vá em frente, padre. Não tenho palavras para lhe agradecer. Não vou segurá-lo por mais tempo. Eu pareço estar em paz com Deus.»

«Por que duvidar? Agora ainda lhe dou a minha bênção», eu disse, levantando-me, «e com isso desejando-lhe boa noite. Se precisar de mim amanhã de manhã, não tenha problemas em me chamar.»

«Amanhã de manhã? Será que vou vê-lo?»

Com essas palavras tomou minhas mãos, segurou-as por alguns momentos nas dela, quentes de febre, olhando para mim com uma gratidão sem palavras, depois as beijou e me deixou sair com um expressivo aceno de despedida. Assim que cruzei o limiar da porta da casa, onde estava a parada do bonde, comecei a esperá-lo, enquanto agradecia ao Senhor por ter me feito seu sacerdote, mediador entre Ele e as almas. Ao longe, o bonde já havia aparecido, quando a porteira correu a dizer-me:

«Reverendo, aqueles senhores no andar de cima estão lhe chamando com urgência, imploram para que volte.»

Assim que eu estava no corredor do apartamento, percebi que tudo tinha que ser mudado. A mulher doente gritava com a força de um possuído. Em uma sala ao lado, as crianças acordadas gritavam de terror. A mãe, que procurava acalmá-los, também chorava e parecia inconsolável. A freira e o genro da mulher doente faziam esforços sem precedentes para mantê-la na cama, sobre a qual ela lutava e dizia que queria sair, porque queimava horivelmente. A minha visão, em vez de acalmá-la, a deixou ainda mais furiosa. Aqueles olhos que pouco tempo antes tinham sido tão bons e serenos me encaravam agora com uma espécie de ódio inexplicável.

«Aqui estás! Você me falou da misericórdia. Mentiroso! Você me disse que eu não devia mais pensar sobre o meu passado, e agora não vê que meu passado vem ao meu encontro. Eles estão lá, me encaram um por um e me olham com ódio. Nenhum de vocês os vê. Mas eu os vejo. Eu vejo aqueles rostos, aqueles olhos, aqueles olhares frios, duros como sempre.»

«Acalme-se, senhora. Você tem feito tudo para ganhar a misericórdia do bom Deus, fique quieta.

«Acredite na minha palavra de padre. Vamos lá, um único ato de confiança e se renda a Ele.»

Assim dizendo, polvilhei a cama e vários pontos da sala com água benta, prestes a sentar-me ao lado da pobre paciente.

«Mas o que ela fez? Achava que eram demônios, talvez? Eles não são demônios. Sua água não é assustadora para eles. Eles permanecem lá, firmes, zombando, severos, como sempre.»

«As alucinações do passado.» disse seu genro ao meu ouvido; mas a enferma o ouviu.

«Alucinado está você. Estas não são alucinações. Nunca foram alucinações. Vocês nunca quiseram entender isso. Ah, pobre de mim!»

Seguiu um colapso. O pulso pareceu render-se. A paciente permaneceu imóvel por um longo tempo, com os olhos fixos na parede oposta. Ter-se-ia dito que era estúpida e sem conhecimento, se seus olhos não tivessem permanecido abertos para a direção acima mencionada e vivos.

Peguei o ritual e comecei a rezar. Aconteceu o que, de maneira alguma, eu poderia prever. Com uma velocidade de relâmpago, ela pegou o pequeno livro da minha mão e jogou fora.

«Qual a utilidade? Tudo é inútil. Não vê que não há mais nada a fazer? Não entende que eu já estou

amaldiçoada?» E virou-se do outro lado. Mas imediatamente se virou para mim como, se jogada de volta, por uma visão que deve tê-la horrorizada. Olhou para mim sem me reconhecer por um longo tempo. Então, me pareceu que seus lábios estavam fazendo uma careta de desprezo, talvez de escárnio.

Instintivamente, ela agarrou meu braço, como um naufragado que procura algo para se manter à tona, e permaneceu assim, com uma expressão ausente.

Eu não sabia o que pensar. O genro e a freira estavam do outro lado da cama, ele segurando o pulso da mão livre da paciente na sua mão, a freira, com o rosário entre os dedos, rezava. Atento a espiar com os olhos em seus olhos, assim que me pareceu que um flash de inteligência estava piscando nas dela, inclinei-me para ela e sugeri:

«Meu Jesus, misericórdia.»

Ela pareceu entender. A princípio, o olhar vagou incerto e se perdeu no teto, como se estivesse perseguindo, não sei, o fio de uma memória; depois, com uma espécie de reflexão mecânica, sem inteligência e sem sentimento, ela repetiu:

«Meu Jesus, misericórdia.»

Isso encorajou-me a repetir a piedosa ejaculação, e ela repetiu depois de mim, como antes, sem alma.

«Talvez ela esteja em coma», disse o genro para a freira com voz baixa. Ela então me entregou o crucifixo da coroa e eu o levei aos lábios da mulher enferma. Ao toque desse objeto, ela teve uma sacudida imperceptível. Um movimento da cabeça me fez pensar que ela reagisse como por recusa, e eu tremi.

«É Jesus que quer salvá-la, beije-o» e beijando o crucifixo mostrei a ela como fazê-lo.

Neste gesto, a mulher abriu os olhos e esticou os lábios em direção à imagem sagrada do Redentor, como se quisesse beijá-la com um transporte visível. Mas imediatamente seus lábios se contraíram novamente, sem que eu fosse capaz de entender se eles queriam dar um beijo ou um gesto supremo de desprezo e ficou imóvel.

Vendo seu genro cair de joelhos, em um soluço de lágrimas, deixando seu inútil pulso, e a cabeça afundada na beira da cama, percebi que a mulher doente tinha morrido. O que aconteceu quando sua esposa entrou é mais fácil de imaginar. Eu notei, daquele choro, o quanto eles a amavam.

Mas eu estava pensando em outra coisa: “Meu Deus, o que foi aquele último gesto? Um beijo ou uma recusa?” Essa pergunta bateu na minha mente com o ritmo de um pêndulo durante todo o tempo que levei a ir para casa, a pé, porque a circulação do transporte público havia cessado. Na manhã

seguinte, no momento do *lembra-te* para os mortos, senti como uma voz que me alcançou de repente, não ao meu ouvido, mas na intimidade da alma, ainda impressionada e emocionada: “*Modica fidei, quare dubitasti?*” [2]. Foi como a revelação de um pólo magnético e, movendo-me em direção a ele, senti uma paz e uma serenidade inesperada. Pareceu-me um sinal de certeza de que teria sido temerário renunciar. Alguns dias depois, com o envelope misterioso em minhas mãos: "Eu abro, não abro?" Então refleti: "É uma vontade que devo divulgar apenas aos dez anos. Qual é o sentido de abrir agora?" Por isso, ao levá-la para o fundo de uma gaveta: "Se eu morro antes?" Com esse pensamento, peguei outro envelope maior e escrevi acima: "Aqui está a última vontade de uma pessoa a quem ajudei no momento da morte. Ela deseja que somente seja divulgado ao fim de dez anos após a sua morte. Abra e torne-se conhecido em dezembro de 1955. Por favor, cumpra com escrupulosa fidelidade e silencie quanto ao nome do depositário."

Dezembro 1955

Eis-me a executar o mandato daquela pobre mulher. Esta manhã, antes de abrir o envelope, eu quis celebrar a missa para ela. “*Modicæ fidei, quare dubitasti?*” [3]. Mais uma vez voltou à minha mente, e senti paz e serenidade como então.

Cortei o envelope e peguei as doze folhas manuscritas. Uma escrita fina, densa e muito ordeira, escrita por uma mão que revela um perfeito domínio próprio. Todas essas folhas devem ter sido escritas em sucessão, diríamos em um só fôlego, porque somente no final, é que podemos sentir sintomas muito leves de fadiga. Há o ritmo de uma mão corajosa e resoluta que sabe como rasgar um véu, atrás do qual há coisas, que ela quer dar a conhecer. “Eu não quero que isso aconteça a tantas mães”. Em vez da localidade, alguns pontos suspensivos. A data é a de janeiro de 1945. A carta está intitulada: "Para todas as mães". No lugar da assinatura: "Uma mãe". Aqui está o texto da carta, já que vi que devo chamá-lo assim. Eu a transcrevi imediatamente com uma maquina para destruir o original: um detalhe, coisa que me foi recomendado. Além disso, cuidei de alterar várias circunstâncias secundárias para dispersar todos os vestígios da protagonista desconhecida.

TEXTO DA CARTA

Ano 1914: duas famílias amigas, mas profundamente diferentes

Em 1914, poucas semanas antes do início da Primeira Guerra Mundial, casei-me com um homem que conhecia desde criança. Nossas famílias moravam no mesmo prédio e eram ligadas por velhas amizades. Quando nós, meninos, crescemos, também passamos junto as férias, ora na praia, ora nas montanhas.

Com a idade, percebi que a única diferença entre as duas famílias consistia nisso: aquela era muito religiosa, enquanto a nossa o era muito pouco.

Mas isso nunca lançou sombra sobre a cordialidade das nossas relações, dado o respeito mútuo que estabelecemos e que nos unia em tudo. Lembro-me que em um aniversário do meu pai, que aconteceu na sexta-feira, mamãe serviu a comida, toda de magro, porque tínhamos convidado para o jantar as pessoas da família amiga. Eu quis logo fazer ver essa diferença, porque teria, infelizmente, marcado também a vida dos filhos das duas ninhadas; nós éramos 3, aqueles 8. Quem tivesse entrado em nossas salas de estar, com um pouco de atenção, poderia ter-